Revista brasileira de iniciação científica
ISSN: 2359-232X

Presença de escritores transgêneros em bibliotecas públicas do município de Sertãozinho-SP

Presence of transgender writers in public libraries in Sertãozinho-SP

Presencia de escritores transgénero bibliotecas públicas del municipio de Sertãozinho-SP

Vikram Pelegrini Rodrigues[1]
Juliana Cristina Perlotti Piunti[2]

Resumo: Este artigo buscou responder à questão: qual a presença e/ou ausência de escritores transgêneros nos acervos literários de bibliotecas públicas municipais de Sertãozinho-SP? O objetivo geral da investigação consistiu em mapear a presença (ausência) de obras de escritores trans nos acervos das bibliotecas "Dr. Antônio Furlan Jr.", "Neuza Leonor Pignata" e "Sônia Regina Mossin Garcia", analisando os mecanismos que reproduzem essa marginalização e discutindo a função social das bibliotecas como espaços de formação, representatividade e resistência. Como instrumento metodológico, utilizou-se pesquisa bibliográfica, análise documental dos acervos, e levantamento de obras. A pesquisa utilizou um referencial teórico que integra debates da sociologia, educação e estudos literários. Os resultados apontam escassa quantidade de obras de escritores transgêneros nos equipamentos culturais literários analisados, contudo, a identificação da baixa representatividade visa subsidiar políticas públicas de diversificação de acervos e fomentar a inclusão de perspectivas dissidentes no acesso à cultura escrita.
Palavras-chave: Apagamento literário. Bibliotecas públicas. Literatura transgênero. Sociologia das ausências.

Abstract: This article investigates the presence and/or absence of transgender writers in the literary collections of the municipal public libraries of Sertãozinho, São Paulo? The goal is to map the presence (absence) of works by transgender writers in the collections of the libraries “Dr. Antônio Furlan Jr.”, “Neuza Leonor Pignata”, and “Sônia Regina Mossin Garcia”, while analyzing the mechanisms that reproduce this marginalization and discussing the role of libraries as spaces of education, representation, and resistance. The study employs bibliographic research, document analysis of the three libraries’ collections, and a field survey of the works as its methodological approach. The theoretical framework integrates perspectives from sociology, education, and literary studies. The findings indicate a limited number of works by transgender writers in the analyzed collections. Identifying underrepresentation contributes to discussions on policies aimed at diversifying library collections and promoting inclusion of dissenting perspectives in access to written culture.
Keywords: Literary erasure. Public libraries. Sociology of absences. Transgender literature.

[1] Graduando em Licenciatura em Letras - Português/Inglês. Instituto Federal de São Paulo (IFSP), Sertãozinho, Brasil. ORCID: https://orcid.org/0009-0004-6671-8311. E-mail: contatovikram@gmail.com
[2] Doutora em Educação. Professora de Sociologia, Instituto Federal de São Paulo (IFSP), Sertãozinho, Brasil. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4595-5404. E-mail: julianapiunti@ifsp.edu.br

Revista brasileira de iniciação científica
ISSN: 2359-232X

Resumen: Este artículo aborda la siguiente pregunta de investigación: ¿Cuál es la presencia o ausencia de escritores transgéneros en las colecciones literarias de las bibliotecas públicas municipales de Sertãozinho, São Paulo? El objetivo principal del estudio fue mapear obras de escritores trans en las bibliotecas "Dr. Antônio Furlan Jr.", "Neuza Leonor Pignata" y "Sônia Regina Mossin Garcia", analizando los mecanismos que reproducen su marginación y discutiendo la función social de las bibliotecas como espacios de formación, representatividad y resistencia. Metodológicamente, se empleó investigación bibliográfica, análisis documental de los acervos y relevamiento de obras. El marco teórico integra debates de sociología, educación y estudios literarios. Los resultados muestran una representación limitada de obras de autores transgénero en las colecciones analizadas. La identificación de esta subrepresentación aporta a la discusión de políticas públicas orientadas a diversificar los acervos y promover la inclusión de perspectivas disidentes en el acceso a la cultura escrita.
Palabras-clave: Bibliotecas públicas. Borramiento literario. Literatura transgénero. Sociología de las ausencias.

Submetido 06/03/2026 **Aceito 14/09/2026** **Publicado 18/11/2026**

Revista brasileira de iniciação científica
ISSN: 2359-232X

Considerações iniciais

Este artigo resulta de um projeto de pesquisa proposto na disciplina "Metodologia do Trabalho Científico", ofertada pelo curso de Licenciatura em Letras - Português/Inglês do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) - *Campus* Sertãozinho, cuja orientação inicial foi para que os estudantes elaborassem um projeto de pesquisa de iniciação científica. Para isso, o estudante definiu o objeto de estudo a partir de uma inquietação particular, como pessoa gênero-diversa, ante à invisibilidade a qual estariam submetidas crianças e adolescentes transgêneros ainda não cientes de sua dissidência. Visto que, mediante consulta prévia, contatou-se que não havia materiais bibliográficos escritos por pessoas transgêneros no Plano Pedagógico do curso de Letras (PPC) do IFSP-Sertãozinho, privilegiando autores cisgêneros e refletindo uma exclusão sistêmica no campo literário e acadêmico, deduziu-se que não haveria esse tipo de obra na educação formal, que servisse como alicerce para a investigação da própria identidade de crianças e adolescentes. Lembrando que, aqui, entende-se como transgêneros aqueles "que possuem uma identidade de gênero diferente daquela designada ao nascer e/ou que circulam entre identidades diversas, dentre elas "[...] travestis, mulheres e homens trans, pessoas não-binárias autodeclaradas trans, gênero-diversas, transmasculinas, fluidas, queer, dentre tantas outras, que não devem ser reduzidas ao simples trânsito de 'um lugar fixo' para 'outro lugar fixo'" (ANTRA, 2023, p. 5).

Portanto, a proposta de pesquisa elaborada, que articula conhecimentos no campo da sociologia, literatura e educação, parte de uma abordagem crítica inspirada na Sociologia das Ausências (Santos e Meneses, 2009), que compreende a sociedade sob a divisão de uma linha abissal, entendendo-a em polos distintos: países colonizadores e territórios que foram colonizados, atravessados por desigualdades que resultam do processo histórico de organização do capitalismo. O horizonte analítico e metodológico proposto segue uma investigação sobre os obstáculos para inclusão de obras produzidas por pessoas gênero-dissidentes disponíveis a toda e qualquer pessoa que usufrua das bibliotecas municipais da cidade, isso porque as entendemos enquanto espaços formativos de acesso livre a todos os munícipes.

A hipótese levantada infere numa ausência de material bibliográfico de escritores trans, literário e teórico, em acervos letrados e de letramento, disponibilizado ao público geral, especificamente, neste *corpus*, ao público do município de Sertãozinho-SP. O objetivo geral desta pesquisa é identificar, registrar e analisar a presença de produções textuais de pessoas

trans disponibilizadas em acervos letrados e de letramento em espaços públicos do município de Sertãozinho.

Metodologia

A pesquisa de iniciação científica que resultou neste artigo caracterizou-se como pesquisa social quali-quantitativa, uma vez que a coleta e análise de dados numéricos (quantidade de obras em acervo) foi interpretada à luz de referenciais teóricos da sociologia e dos estudos literários, buscando compreender os significados sociais da visibilidade ou invisibilidade de escritores transgêneros. Tem ainda caráter parcialmente autoetnográfico, por contribuições de observação participante do pesquisador.

Para Gil (2008) as pesquisas quantitativas consideram o que possa ser contável, ou seja, que produza informações a partir de números para assim classificá-los e analisá-los. Enquanto as qualitativas devem coletar dados por meio de observação, relato, entrevista e outros, em uma dinâmica entre o mundo e o sujeito, nem sempre traduzida por números.

A investigação objetivou mapear um fenômeno pouco estudado (a presença de escritores trans em bibliotecas municipais) e descrever as características dos acervos e os possíveis mecanismos de marginalização editorial. Trata-se de uma pesquisa que desde o início traçou como um dos seus objetivos produzir conhecimentos que possam subsidiar políticas públicas de diversificação de acervos e inclusão cultural. Ainda apoiando-se em Gil (2008) para definição dos procedimentos técnicos, a pesquisa adotou: (i) pesquisa bibliográfica para fundamentação teórica, (ii) pesquisa documental para análise dos catálogos das bibliotecas e (iii) levantamento de campo para consulta in loco aos acervos. O percurso metodológico foi, portanto, estruturado nas seguintes etapas:

a) Levantamento bibliográfico e referencial teórico: Realizou-se um estudo aprofundado do referencial teórico e metodológico (Gil, 2008), articulando debates da sociologia, educação e estudos literários para fundamentar a análise.

b) Mapeamento de escritores transgêneros: Foi produzida uma lista preliminar de escritores transgêneros com obras publicadas em formato físico. Essa lista foi construída por meio de buscas on-line e consulta a listagens previamente elaboradas por outros pesquisadores e ativistas.

Revista brasileira de iniciação científica
ISSN: 2359-232X

c) Análise documental dos acervos: Com a lista em mãos, realizou-se a consulta aos acervos (físicos e digitais) de três bibliotecas públicas municipais de Sertãozinho-SP: "Dr. Antônio Furlan Jr.", "Neuza Leonor Pignata" e "Sônia Regina Mossin Garcia" (distrito de Cruz das Posses). O objetivo foi verificar a presença ou ausência de obras literárias e teóricas escritas por pessoas trans nesses espaços.

d) Rastreamento complementar: Em estágio final, identificaram-se organizações da região Sudeste que disponibilizam esse tipo de material, como a ONG "Casa 1"[3] (São Paulo-SP) e a "Revista Estudos Transviades"[4] (Rio de Janeiro-RJ), a fim de contrastar a realidade local com iniciativas de fomento à literatura dissidente.

Por fim, os dados coletados foram analisados buscando articular os resultados quantitativos (números de obras encontradas) com a discussão ancorada na sociologia das ausências, função social das bibliotecas e mecanismos de exclusão editorial. Segundo Minayo (1992), há três finalidades para essa etapa: estabelecer uma compreensão dos dados coletados, confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e/ou responder às questões formuladas, e ampliar o conhecimento sobre o tema, articulando-o ao contexto cultural do qual faz parte. Em termos de pesquisa social, essas finalidades são complementares. Para Minayo (1992), o produto final da análise de uma pesquisa deve ser sempre encarado de forma provisória e aproximativa, pois trata-se da produção de conhecimento científico.

Análise de dados e resultados

Como gatilho para as discussões que agora tomarão forma, cabe deter-se nas possibilidades de acesso ao ensino formal reservadas à população transgênero. Demonstrando como são escassas, num censo, a Rede Trans Brasil (2017, p. 21) mostra que, dos 1.122 respondentes trans, apenas 32,4% concluíram o Ensino Médio. Já no que se refere ao Ensino Superior, uma pesquisa realizada pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES) indica que, dos 1,2 milhões de brasileiros estudantes, apenas 3.379 pessoas trans cursam universidades federais no Brasil, o que equivale a 0,2% (2018, p.59).

[3] Disponível em: https://www.casaum.org/. Acesso em: 10 fev. 2026
[4] Disponível em: https://www.revistaestudostransviades.org. Acesso em: 10 fev. 2026

Revista brasileira de iniciação científica
ISSN: 2359-232X

De acordo com Freire (1987), um dos mitos difundidos pela classe opressora é o de que o direito à educação é universal, mesmo "quando o número de brasileiros que chegam às escolas primárias do país e o do que nelas conseguem permanecer é chocantemente irrisório" (p. 86). O quadro supracitado é uma demonstração de que não se sustenta a adjetivação desse direito à educação como universal. Ao mesmo tempo, o mesmo quadro assinala o grau de urgência a que um acesso não universal pode chegar quando se trata de populações atravessadas por outros fatores marginalizantes, como a população transgênero. E isso se reflete num dos motivos para a aferida ausência de textos transcentrados[5] em espaços literários, porque "os lares e as escolas, primárias, médias e universitárias, que não existem no ar, mas no tempo e no espaço, não podem escapar às influências das condições objetivas estruturais" (Freire, 1987, p. 95).

Materialmente, portanto, o corpo trans encontra diversos obstáculos em ocupar o espaço acadêmico, e, por ausente deste, está majoritariamente inapto a produzir sob seus moldes. Se lhe é negada a condição de existência dentro da sociedade, por ser o "outro", como será pormenorizado mais adiante neste trabalho, também o é aos aparatos institucionais que o paramentam para operar dentro dela e lhe concedem humanidade, aquela concebida pelo discurso vigente.

> [...] estas formas de negação radical produzem uma ausência radical, a ausência de humanidade, a sub-humanidade moderna. Assim, a exclusão torna-se simultaneamente radical e inexistente, uma vez que seres sub-humanos não são considerados sequer candidatos à inclusão social. A humanidade moderna não se concebe sem uma sub-humanidade moderna (Santos, 2009, p. 30).

Em suma, o devir trans, por compreendido dentro de um escopo de não-humanidade, ou sub-humanidade, é posto alheio a estruturas capacitantes da sociedade a que está imerso, como à escola, e não pode exercer papel ativo nessa mesma sociedade, por falta de aparato por ela reconhecido, como a escrita formal. Esvaziado de ferramentas, está, por consequência, como afere-se nesta pesquisa, ausente de espaços formais, como das bibliotecas do município de Sertãozinho-SP, por exemplo.

[5] O termo "transcentrado", nesse trabalho, refere-se ao consumo cultural centrado na comunidade trans, ou seja, trata-se daquilo por ela produzido. Portanto, aqui, entendemos "Literatura transcentrada" como aquela que coloca em foco, isto é, publicada e escrita, por pessoas transgêneros.

Revista brasileira de iniciação científica
ISSN: 2359-232X

A partir da observação de determinado fenômeno, como, o que se procura apresentar nesta pesquisa, fica o questionamento acerca do funcionamento da estrutura social que corrobora para que tal fenômeno se sustente e se organize de determinada maneira. Se a conscientização acerca do que mantém esta estrutura "[...] abre o caminho à expressão das insatisfações sociais, se deve a que estas são componentes reais de uma situação de opressão" (Weffort, 1967, *apud* Freire, 1987, p. 15). A partir de então, o ser humano, organizado numa sociedade dividida em diversas áreas do conhecimento, dá conta de traçar estratégias em distintos segmentos que possam reconfigurar essa estrutura nociva à luz daquilo que se entende por ideal. Porque, para Freire (1987), o processo de libertação só passa a se materializar uma vez que o reconhecimento dos sistemas opressores se alia a práticas objetivas para desmontá-los, o que seria uma práxis libertadora.

Sociologia das Ausências

Uma noção elementar para a construção da presente pesquisa é a do "Pensamento Abissal", fundamentada por Boaventura de Sousa Santos[6] (2009) no primeiro capítulo da obra "Epistemologias do Sul". Sua teoria postula que o pensamento ocidental compreende a sociedade enquanto dividida por uma linha abissal que a separa em dois polos distintos:

> [...] o universo "deste lado da linha" e o universo "do outro lado da linha". A divisão é tal que "o outro lado da linha" desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível (Santos, 2009, p. 23).

Historicamente, o critério primo que organiza essa divisão dualista é geográfico, tendo como uma das primeiras demarcações o Tratado de Tordesilhas, e comporta os limites entre países colonizadores e territórios que foram colonizados. A lógica que opera em cada uma dessas instâncias é oposta e muito distinta. Na primeira situação, que abarca as cidades metropolitanas, o que opera é a dicotomia de regulação/emancipação. Em que o Estado

[6] Devido à discussão, nesse trabalho empregada, acerca de minorias e exclusão, importa-nos relembrar as graves denúncias das quais o sociólogo português é alvo. São elas de assédio sexual, assédio moral, abuso de poder e exploração acadêmica, apresentadas por 14 mulheres que trabalharam ou estudaram no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

Revista brasileira de iniciação científica
ISSN: 2359-232X

democrático, a partir de aparatos jurídicos, cria leis, que modelam a sociedade e propiciam as três esferas emancipatórias: emancipação individual, emancipação a partir do acesso ao científico, e emancipação a partir de uma sociedade de direitos. Mas essa organização não se aplica a territórios coloniais, porque neles as relações predatórias de exploração permanecem e se materializam através de práticas violentas, como exploração dos povos originários e uso de trabalho escravo, privando esses espaços da democracia e sustentando a dicotomia vigente de apropriação/violência.

"A característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade da copresença dos dois lados da linha" (Santos, 2009, p. 23), sendo inconcebível aplicar tais dicotomias em territórios que não foram pensados para recebê-las. Isso porque, para compor a sociedade civil, regida por leis, o homem deve aderir ao contrato social e abandonar o estado de natureza. O que não significa dizer que esse estado esteja extinto, apenas que não é cabível a sua presença dentro da organização metropolitana. Portanto, para que ele continue a existir, para que o homem não o tenha de abandonar, há de haver um espaço onde ele possa ser concebido, em que o estado de direito não opere, onde não sejam aplicadas as mesmas leis reguladoras da metrópole, e esse espaço é o território colonizado.

> A modernidade ocidental, em vez de significar o abandono do estado de natureza e a passagem à sociedade civil, significa a coexistência da sociedade civil com o estado de natureza, separados por uma linha abissal com base na qual o olhar hegemônico, localizado na sociedade civil, deixa de ver e declara efetivamente como não-existente o estado de natureza (Santos, 2009, p. 28).

A linha abissal, por mais que circunscrita em posições fixas durante o período colonial, passa a deslocar-se conforme as colônias conquistam sua independência política em relação às coroas. A partir de então, elementos que compõem o lado invisível da linha passam a ter autonomia de trânsito, e é através da movimentação de suas produções culturais e científicas, e de seus habitantes que a linha perde definição, por isso o "outro lado da linha parece estar a expandir-se, enquanto este lado da linha parece estar a encolher" (Santos, 2009, p. 33). O resultado necessariamente engendra em um ganho de força da lógica de apropriação/violência dentro da área metropolitana, um espaço vetado a essa ordem, já que é ela a ferramenta que impera por sobre o corpo e o fazer estigmatizados e os controla, devendo, portanto, acompanhar-lhes a quaisquer territórios que ocupem.

Revista brasileira de iniciação científica
ISSN: 2359-232X

Essa associação entre polos fundamenta-se em uma hierarquização entre o visível e o invisível/inexistente, que sustenta relações de poder e de dominação, e parte do princípio da alteridade enquanto constituinte identitário, isso porque "a negação de uma parte da humanidade é sacrificial, na medida em que constitui a condição para a outra parte da humanidade se afirmar enquanto universal" (Santos, 2009, p. 31). Para que haja uma forma de ser legítima, condição amparada pelo pensamento abissal, é preciso determinar formas de ser ilegítimas e que devem ser evitadas para sustentar o que foi estabelecido como norma, em que, por exemplo, a cientificidade médica define o que é sadio e o que é doente, ou quem tem direito ao acesso à saúde e quem não tem. É preciso definir o "outro" para que o hegemônico se estabeleça.

Ao se assegurar uma identidade completa a partir de uma não identidade, e ao se constituindo um "eu" a partir de um "não-eu" (Freire, 1987), tudo aquilo associado ao "não-ser" há de ocupar um papel de negação equiparável. A partir daí, o discurso hegemônico, a que Freire nomeia por ideologia opressora, cria o mito da absolutização da ignorância. Para ele:

> No ato desta decretação, quem o faz, reconhecendo os outros como absolutamente ignorantes, se reconhece e à classe a que pertence como os que sabem ou nasceram para saber. Ao assim reconhecer-se tem nos outros o seu oposto. Os outros se fazem estranheza para ele. A sua passa a ser a palavra "verdadeira", que impõe ou procura impor aos demais. E estes são sempre os oprimidos, roubados de sua palavra" (1987, p. 83).

Esse contexto leva à conclusão de que, na ótica dominadora, todo o saber alçado por comunidades à margem do centro, que cobre desde civilizações originárias a minorias socioeconômicas, é primitivo, mal chegando à alcunha de "saber" legítimo. E que, em sua ignorância absoluta, lhes resta apenas receber passivamente os ensinamentos produzidos pela classe dominante e atestados pelas vias às que ela reconhece, como as ciências e o direito.

Discurso hegemônico

Um dos pilares do lado metropolitano da linha, pilar este de organização hierárquica, é o saber científico, que é hegemonicamente legitimado porque parte-se do pressuposto que o conhecimento produzido do "outro lado da linha" não é conhecimento real, podendo apenas fazer-se útil enquanto objeto de estudo para inquirição científica. É pertinente ressaltar como o

Revista brasileira de iniciação científica
ISSN: 2359-232X

reconhecimento dos saberes da metrópole enquanto autênticos se perpetua através de práticas discursivas, que não necessariamente estão interessadas na credibilidade do que se é disseminado. Isso porque sua função é a de zelar pela manutenção daquilo que sustenta a posição de poder dos grupos que a ocupam. São os detentores do poder que viabilizam o discurso, permitindo que ele se manifeste, caso a favor deles, ou não, caso contra.

> Para Foucault, a questão da veracidade ou falsidade de um discurso não é importante, já que a "verdade" é produzida pelo poder, pelo discurso que detém o poder. Esses discursos determinam o nosso modo de falar e pensar sobre a sexualidade ou a sanidade mental, e nos persuadem ao autopoliciamento e à supervisão do outro, funcionando independentemente das intenções específicas individuais (Bonnici, 2003, p. 224).

Como uma amostra dessa via de pensamento, o filósofo Paul B. Preciado (2020) cita como o médico Jhon Money, na década de 50, realizou cirurgias de mutilação genital em crianças nascidas intersexo, utilizando da cientificidade médica para justificar uma prática que viola corpos atípicos e os desvalida enquanto saudáveis e aceitáveis à convivência no hemisfério "civilizado". Ademais, a psicóloga Tatiana Lionço (2019, *apud* Nascimento, 2021) menciona como subjetividades trans passaram a ser associadas pela medicina psiquiátrica a ideias de anormalidade, sendo que "o processo de classificação das transgeneridades como patologia foge dos critérios de diagnósticos adotados pela psiquiatria, uma vez que "a 'transexualidade' não é descrita nem como condição delirante, nem como possuindo uma base orgânica" (Nascimento, 2021, p. 75).

Tal prática de conceber o atípico enquanto objeto sobre o qual se delibera sem a presença do mesmo se faz presente ainda nos dias atuais, movimentando esferas institucionais sob a égide da patologização. Basta observar a Resolução Nº 2427 do Conselho Federal de Medicina (CFM), de abril de 2025, que, dentre outras mudanças, hiper burocratiza o acesso a terapias de afirmação de gênero a maiores de idade, dificultando esses tratamentos de tal forma a que, na prática, funcione como uma proibição. Esse posicionamento do CFM retrocede em conquistas de luta da população trans por acesso a aparatos estatais de bem estar social, que só encontraram terreno apto para serem institucionalizadas graças aos avanços dos estudos no campo do gênero e da sexualidade, também responsáveis por fundamentar o ganho do direito civil ao casamento homoafetivo.

Revista brasileira de iniciação científica
ISSN: 2359-232X

Essa mesma postura reverbera na construção que as figuras por ela feitas alvo têm de sujeito. O posicionamento estigmatizante dos discursos científicos, que justifica institucionalizações que vulnerabilizam ainda mais uma condição já posta em fragilidade, sentenciam os alvejados a apreenderem toda a lógica que os desumaniza. O único desdobramento possível é a crença autodepreciativa de que tudo aquilo que são e que deles vem, como suas produções e saberes, fazem jus a esse tratamento:

> De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua "incapacidade". Falam de si como os que não sabem e do "doutor" como o que sabe e a quem devem escutar (Freire, 1987, p. 32).

Acerca do papel que a escrita desempenha na determinação e validação dos saberes, Bonnici (2003), num estudo da teoria foucaultiana sobre as regras do discurso para embasar a Teoria e a Crítica pós-colonialistas, expõe como "a história e a história das ideias são intimamente ligadas à leitura e à produção de textos literários" (p. 224). O que significa estabelecer a literatura enquanto ferramenta que atesta e reconhece determinadas existências e perspectivas quando fala sobre estas em textos e espaços da academia, porque o centro hegemônico entende enquanto único saber, o científico. E, materializar um discurso dentro de uma obra literária, como num livro, é pautar uma determinada fala que, por ocupar um tipo de saber validado pela metrópole, traça um ideário humano pela via tida como verificada da ciência, que utiliza desse meio para estabelecer o que é a norma, e, por conseguinte, a não-norma.

Entendendo que a biblioteca é um espaço literário, e, por isso, validado enquanto fonte de saber, é lógico pensar a relevância que ela exerce na disseminação de concepções acerca da sociedade. O que defende Catherine Walsh (2009), na teoria da interculturalidade crítica, é a "construção de e a partir das pessoas que sofreram na história com a subalternização" (p. 996). É visibilizar realidades marginalizadas a partir de falas autorais, é atestar, à lógica abissal, que é a vigente e dominante, a validade do ser não-hegemônico, para isso, ocupando os espaços de saber hegemonicamente reconhecidos.

Uma ilustração desse sistema é o que Édouard Louis dedica em suas produções à memória de seus pais. Num excerto da obra em que narra algumas passagens da vida de seu

Revista brasileira de iniciação científica
ISSN: 2359-232X

pai, um sujeito vulnerabilizado por questões econômicas, familiares e de gênero, o autor, criança, pergunta ao pai sobre a União Soviética, e a reação do homem, diante da desinformação, que o emudece, é sentir vergonha:

> Estava com vergonha porque eu o confrontava com a cultura escolar, aquela que o havia excluído, que não quis você. Onde está a história? A história ensinada na escola não era a sua história. Ensinavam a história do mundo e você ficava de fora do mundo (Louis, 2023, p. 20).

Entende-se, portanto, que, contextos de ensino, como a biblioteca ou a escola, por exemplo, se não forem ocupados pelos que estão à margem da sociedade, comportam-se como um aparato institucional que, na ausência deles, perpetua a mecânica que os mantém ausentes, invisibilizados pela linha abissal.

Já num outro texto do autor, igualmente caro à presente argumentação, a narrativa medita acerca da trajetória de sua mãe. Textualiza-se, de maneira biográfica, acerca dos atravessamentos em diversas camadas do âmbito emocional que a condição de subalterna, por mulher e pobre, lhe proporcionaram, e reflete-se sobre este fazer literário:

> Disseram-me que a literatura nunca deveria ser uma exibição de sentimentos, e escrevo só para trazer à tona sentimentos que o corpo não sabe expressar.
> Disseram-me que a literatura nunca deveria soar como um manifesto político, e no entanto afio cada uma de minhas frases como se afia a lâmina de uma faca.
> Porque, sei agora, construíram o que chamam de literatura contra vidas e corpos como o dela. Porque, sei agora, que escrever sobre ela, e escrever sobre a sua vida, é escrever contra a literatura (Louis, 2023, p.11).

Nota-se como a literatura criticada pelo francês, no último parágrafo do excerto supracitado, contém elementos substanciais do discurso hegemônico disseminado e validado pela academia, pelo conhecimento admitido pela metrópole. E, em seu apontamento, dar luz a figuras marginais dentro dessa literatura e expor a pluralidade de suas perspectivas, como defende Walsh (2009), é uma manifestação do colonizado contra o discurso imperialista do colonizador, que configura, pela consciência transmutada em ato, uma práxis libertadora.

A esse contramovimento, pulverizado por autores que teorizam, textualizam e elaboram sobre as problemáticas do poder, como Bonnici (2003) delimita ser o papel do escritor de

literatura pós-colonialista, aquela inserida em contextos de cultura atravessados pelo processo imperial, Santos dá o nome de Cosmopolitismo Subalterno. Esse conceito se manifesta através:

> [...] das iniciativas e movimentos que constituem a globalização contra-hegemônica. Consiste num vasto conjunto de redes, iniciativas, organizações e movimentos que lutam contra a exclusão econômica, social, política e cultural (Santos, 2001, 2006b, 2006c). [...] Atendendo a que a exclusão social é sempre produto de relações de poder desiguais, estas iniciativas, movimentos e lutas são animados por um ethos redistributivo no sentido mais amplo da expressão, o qual implica a redistribuição de recursos materiais, sociais, políticos, culturais e simbólicos (Santos, 2009, p. 42).

Portanto, a constituição de um acervo literário transcentrado se enquadra nessa definição, já que prolifera manifestações de vida contra-hegemônicas, que enfrentam diversas camadas de exclusão para sobreviver. E porque é capaz de propagar elementos sociais, políticos, culturais e simbólicos com o compartilhamento de suas realidades e panoramas.

Análise dos acervos

Em setembro de 2025, visitou-se a Biblioteca Municipal de Sertãozinho "Dr. Antônio Furlan Júnior" com o intuito de, em campo, observar e registrar algumas questões concernentes à pesquisa. O pesquisador teve acesso ao número de títulos presentes no acervo de todas as bibliotecas investigadas, assim como soube qual o critério de organização das obras nesses espaços, informado pela bibliotecária.

No que se refere à quantidade de títulos, a biblioteca "Dr. Antônio Furlan Júnior" tem, no acervo, um total de 13.168, sendo quatorze os livros de escritores transgêneros (seis romances, quatro biografias, três histórias em quadrinhos e uma prosa-poética), o que indica 0,107% do acervo escrito por pessoas transgêneros. Já na biblioteca "Neuza Leonor Pignata" são 2.019 títulos, havendo apenas três obras escritas por autores trans (duas biografias e uma história em quadrinhos), o que dá ao acervo um total de 0,15% de sua totalidade destinada a escritores transgêneros. E, por fim, há 3.622 títulos no acervo da biblioteca distrital "Profª Sônia Mossin Garcia", sendo apenas um de escritor trans (biografia). Logo, 0,03% do acervo é representado por escritores trans.

Assim, analisando os acervos das bibliotecas supracitadas e a presença de livros de escritores transgêneros, foram encontradas dezessete obras desse escopo. Isso porque a única

Revista brasileira de iniciação científica
ISSN: 2359-232X

obra presente no acervo da terceira biblioteca está presente no da segunda. Ademais, considerando a quantidade de obras disponíveis para leitura, a instituição de maior representatividade é a primeira mencionada, enquanto que a menor representatividade é da terceira. Dos escritores levantados, 7,87% têm publicações nos acervos acima, lembrando que algumas obras foram elaboradas por vários escritores conjuntamente.

Na presente pesquisa, para investigar cuidadosamente a presença de escritores trans nos acervos das bibliotecas, realizou-se, *a priori*, um levantamento de 178 escritores trans, o que só foi possível mediante duas principais fontes de pesquisa: a) o acesso a um material bibliográfico específico (2021), que, cedido pessoalmente pela escritora e pesquisadora Amara Moira[7], levantava uma lista de material literário já publicado por identidades trans brasileiras. O critério de definição dessas identidades se dá por autodeclaração, ou, no caso de escritores falecidos, reivindicam-se seus nomes para a comunidade trans por terem vivido em consonância ao que hoje nomeia-se por transgeneridade, e que, à época, era designado por outros termos; e b) o acesso ao *website Nonbinary wiki*[8], em que, quando se digita *writers* na barra de pesquisa, há diversos *links* direcionando para nomes de escritores transgêneros, em cujas páginas constam explícitos seus pronomes e suas identidades de gênero.

Quanto aos critérios de organização das obras do acervo, nas três bibliotecas, o método de disposição das obras pauta-se na Classificação Decimal de Dewey (CDD), sendo esse sistema:

> [...] uma ferramenta de organização do conhecimento geral que é continuamente revisada para acompanhar o desenvolvimento humano e científico. [...] No nível mais amplo, o CDD é dividido em dez classes principais, que juntas abrangem todo o mundo do conhecimento (Dewey, 2021, p. 4).

[7] Esse contato se deu em 2025, durante o lançamento do livro "Neca", de Amara Moira, na Biblioteca Municipal "Sinhá Junqueira", em Ribeirão Preto - SP. Houve uma roda de conversa seguida por uma sessão de autógrafos, momento em que o estudante solicitou à autora uma lista, organizada por ela, contendo diversos nomes de escritores transgêneros brasileiros. O estudante tomara conhecimento dessa lista através de um perfil, numa rede social, que publicava os títulos escritos pelos nomes presentes na lista, e creditava o levante dos nomes à autora (Disponível em: https://www.instagram.com/literaturatransbr/. Acesso em: 16 fev. 2026).

[8] *Website* de iniciativa independente, estruturado como uma enciclopédia online com foco em identidades gênero-dissidentes (Disponível em: https://nonbinary.wiki/wiki/Main_Page. Acesso em: 16 fev. 2026).

Revista brasileira de iniciação científica
ISSN: 2359-232X

Porém, dentro da classe de dígito 800, que se refere a “Biografia e Literatura mundial", as instituições sertanezinas pesquisadas optaram por dispor os textos literários ficcionais em sessões referentes aos assuntos mais procurados pelos leitores. Foi, então, criado um setor dedicado à Literatura LGBTQIAPN+ e, a partir disso, é relevante pontuar como obras biográficas, por não serem consideradas ficcionais, não podem ser incluídas dentro do setor mencionado. Logo, os parcos exemplares dos acervos escritos por pessoas trans ficam desagrupados.

A maneira com que as obras são dispostas nas estantes é de interesse para este trabalho por garantir razoavelmente o acesso aos leitores trans que por elas procurem. Considerando o escasso número de títulos escritos por pessoas trans nas três bibliotecas avaliadas, se comparado ao montante total dos acervos, é substancial que haja um caminho direto para conectar o leitor trans a obras que dessa narrativa tratem, pois, com maior demanda de empenho por parte do leitor para que elas sejam encontradas, também haverá uma menor probabilidade de que isso aconteça.

Nas bibliotecas, foi dito ao pesquisador que era possível encontrar as obras de interesse da pesquisa buscando por palavras-chave no acervo digital, a fim de encontrar os livros catalogados por assuntos específicos. A partir dessa instrução, foram pesquisados, no acervo online das três bibliotecas, os termos "trans", "transgênero", "transexualidade" e "transexual", e, no tocante à biblioteca “Dr. Antônio Furlan Júnior”, não foram recomendadas seis das catorze obras de escritores transgêneros levantadas no presente estudo.

Se não há um agrupamento de escritores trans na disposição física dos livros, bem como não há, na busca digital pelas obras, uma sistematização atualizada, a possibilidade de o leitor transgênero que busca, nos espaços municipais de bibliotecas, encontrar narrativas que o protagonizem e o auxiliem na sua construção e emancipação de sujeito é objetivamente minada. Enquanto pesquisador, foi preciso recorrer a diferentes fontes de informação, fontes essas de acesso não usual, para reconhecer os livros almejados. O leitor não só não terá acesso a essas fontes, como não empregará tamanho esforço para encontrar as tais obras, desestimulando o acesso.

Revista brasileira de iniciação científica
ISSN: 2359-232X

Instituições sudestinas de acervo transcentrado

A hipótese da pesquisa, que foi de fato atestada mediante visita a campo, é de que não há um número significativo ou expressivo de obras escritas por pessoas trans nas bibliotecas municipais de Sertãozinho-SP. A partir dessa conclusão, fez-se coerente empreender uma busca para localizar, então, quais são as instituições sudestinas que detêm esse acervo, a fim de procurar mitigar o efeito da ausência dessas obras no município sobre os leitores que por elas se interessem. A escolha de reter o objeto de pesquisa apenas à região Sudeste se deu porque só faria sentido ao presente trabalho se o público que acessa as bibliotecas sertanezinas tivesse condições palpáveis de acessar as instituições transcentradas a serem citadas nesse trabalho, porém, foram incluídas instituições que disponibilizem um acervo digital independente da localidade de sua sede, entendendo que seu formato on-line ampara os leitores a quem este estudo se refere.

A busca por estas instituições se deu através de portais de pesquisa, em que o estudante-pesquisador procurou por termos como "biblioteca trans", "biblioteca LGBT+, "acervo transcentrado" e etc. Dessa prática não houve muitos resultados. Revelou-se mais proveitoso levantar uma lista de organizações de atendimento à população LGBTQIAPN+, no mesmo portal de pesquisa, e visitar o *website* de cada uma delas, conferindo se havia alguma sessão referente à biblioteca, física ou digital, da organização. Dos esforços empreendidos nessa busca, foram levantadas sete instituições sudestinas de acervo transcentrado.

A primeira delas é o "Arquivo Histórico do Museu Transgênero de História e Arte[9]" (AHMUTHA), museu que, em formato virtual, busca difundir arte e saberes de pessoas corpo e gênero diversas. Em seu arquivo histórico está o conjunto de acervos arquivísticos do Museu Transgênero de História e Arte (MUTHA), onde é possível encontrar diversos materiais bibliográficos, majoritariamente teóricos, produzidos por pessoas trans, assim como obras de outros setores das Belas Artes.

[9] As produções do MUTHA assim como do AHMUTHA, podem ser acessadas virtualmente (Disponível em: https://mutha.com.br/. Acesso em: 16 fev. 2026).

Revista brasileira de iniciação científica
ISSN: 2359-232X

A segunda é a "Associação Brasileira Não-Binárie[10]", uma rede nacional que luta por direitos em resistência ao binarismo social de gênero. Numa de suas páginas de rede social, constam pareceres, relatórios, cartilhas, e artigos sobre a saúde de pessoas transgêneros.

Já a terceira instituição é a "Associação Nacional de Travestis e Transexuais[11]" (ANTRA), uma rede nacional dedicada à defesa e promoção da cidadania da população transgênero. Em seu *website* há uma aba que reúne cartilhas, manuais, dossiês, guias e estudos que discorrem acerca da realidade trans no Brasil. Por mais que os textos disponibilizados pelo *site* sejam teóricos, o que dificilmente satisfaria leitores que buscam por fruição, há, neles, uma riqueza de dados e conceitos que podem fundamentar uma construção de identidades trans conscientes de sua posição marginal e das dinâmicas socias que as marginalizam.

A quarta instituição elencada foi a "Biblioteca Comunitária Caio Fernando Abreu[12]", única de endereço físico, que pertence à "Casa 1", um projeto que acolhe jovens entre 18 e 25 anos, expulsos de casa por suas orientações afetivas sexuais e identidade de gênero. Pude visitar o espaço, no bairro da Bela Vista, em São Paulo capital, e investigar o acervo pessoalmente. Como pessoa transgênero, me senti eufórico ao acessar exemplares físicos de autores transgêneros a quem só tinha a possibilidade de ler em formato digital, devido à escassez que a hipótese desta pesquisa atestou. Percebi, porém, depois de analisar cada exemplar, que, no nicho destinado à transgeneridade, um percentual relevante dos textos era de escritores cisgêneros, e suas temáticas tratavam de questões relativas à área da saúde.

Esse é um elemento que ilustra como o fazer científico pertence a estratos hegemônicos da sociedade, como a cisgeneridade, e como esses pensadores se debruçam sobre populações marginalizadas, a quem é tolhida a potência de fala. Porque, na lógica abissal, seus corpos colonizados não têm o que contribuir com qualquer saber que seja, por não produzirem nenhum que seja a ela válido, podendo ocupar somente a posição de objetos de estudo.

[10] A bibliografia disponibilizada pela "Associação Brasileira Não-Binárie" pode ser acessada através de um link disponibilizado em sua rede social (Disponível em: linktr.ee/abranb.articulacao. Acesso em: 17 fev. 2026)

[11] Um catálogo de produções acerca da transgeneridade disponibilizadas pela ANTRA pode ser encontrado em seu *website* na aba "cartilhas e manuais" (Disponível em: https://antrabrasil.org/cartilhas/. Acesso em: 16 fev. 2026).

[12] A "Biblioteca Comunitária Caio Fernando Abreu" localiza-se na Rua Condessa de São Joaquim nº 277, Bela Vista - São Paulo/SP, e seu acervo pode ser consultado digitalmente, porém, o aluguel de livros é somente mediante visita ao espaço. (Disponível em: https://www.casaum.org/nossos-espacos/biblioteca. Acesso em: 16 fev. 2026).

Revista brasileira de iniciação científica
ISSN: 2359-232X

Também, o pesquisador selecionou o "Instituto Brasileiro de Transmasculinidades"[13] (IBRAT), cuja premissa é, sendo uma rede nacional, atuar politicamente, incentivando à militância e oferecendo formações políticas, e promovendo discussões e pesquisas correlatas a experiências transmasculinas. Em seu *website* há uma sessão que reúne documentos jurídicos e acadêmicos interessantes à população transmasculina, que podem garantir, através do conhecimento das leis que defendem essa comunidade, a reivindicação e cumprimento de seus direitos civis.

Foi, ainda, selecionada a "Revista Estudos Tranviades[14]", de organização carioca, transmasculina, e que versa sobre transmasculinidades. Os volumes, até o ano de 2024, eram publicados on-line e semestralmente, e totalizavam onze, contendo artigos e produções artísticas de pessoas transmasculinas. Porém, como iniciativa independente, a não remuneração e a sobrecarga dos editores levou à redução das publicações a um ritmo anual. É pertinente salientar como essa instituição oferece um curso preparatório para transgeneridades que queiram ingressar na pós-graduação. Esse trabalho é de relevância ímpar à expressividade transgênero num corpo social cisnormativo, como o brasileiro. Já que paramenta uma população estruturalmente fragilizada ao emprego das ferramentas necessárias para ingressar e atuar sobre a linguagem hegemonicamente reconhecida, que é a científica.

Por fim, tem-se o "Observatório Trans[15]", que, em seu *website*, detém material bibliográfico sobre diversos setores caros à transgeneridade. Dentre eles, há planos de aulas para trabalhar diversidade sexual em diferentes disciplinas, pesquisas de monitoramento e mapeamento das violações à comunidade trans, assim como dossiês e legislações.

Considerações finais

Como inferido na hipótese desse projeto, a pesquisa encontrou dados que indicaram uma presença ínfima de autores trans, mais especificamente, inferior a 0,2%, em cada um dos acervos. Os números demonstram que a expressividade de saberes disseminados por pessoas

[13] A biblioteca do IBRAT pode ser acessada através de seu *website*. (Disponível em: https://www.ibratnacional.com/. Acesso em: 16 fev. 2026)

[14] Os volumes da "Revista Estudos Transviades", assim como seus dossiês e curso preparatório para ingresso na pós-graduação podem ser acessados digitalmente (Disponível em: https://www.revistaestudostransviades.org. Acesso em: 16 fev. 2026).

[15] O material bibliográfico organizado pelo "Observatório Trans" pode ser consultado em seu *website* (Disponível em: https://observatoriotrans.org/. Acesso em: 17 fev. 2026)

trans em espaços academicamente reconhecidos, como a biblioteca, é mínima. Ao olhar para a proeminência de obras de escritores cisgêneros em relação às de transgêneros nos acervos mencionados, vê-se como, respectivamente, ela é maior em 940,57 vezes, 673 vezes e 3622 vezes.

Portanto, os resultados permitem afirmar como, à cisgeneridade, quaisquer impeditivos para publicação escrita são irrisórios mediante aqueles que acometem a população trans. E, a partir do "Pensamento abissal", compreende-se essa proporção como uma demonstração do estabelecimento das ciências enquanto disponíveis a constituintes do "outro lado da linha", em que não se incluem, logicamente, populações que desafiem a normatizações de gênero. Assim, pessoas trans que, por evasão escolar não acessam as ciências, têm dificultado seu trajeto para publicação de produções em meios como os livros, reconhecidos pela ciência e pela academia.

Tais resultados não permitem afirmar, porém, que a comunidade trans não produz e dissemina saberes, visto que existem modalidades outras para compartilhamento de manifestações que não as institucionalmente reconhecidas. Também não permitem delimitar quais os motivos específicos pelos quais há baixos índices de permanência escolar dessa população no Ensino Médio.

Ainda, foram seis as instituições sudestinas de acervo transcentrado listadas. Dentre elas, apenas uma, a "Biblioteca Comunitária Caio Fernando Abreu", oferecia contato com exemplares físicos das obras, bem como era a única que detinha uma notável parcela de seu acervo dedicada a obras literárias. O restante dos elementos listados concentrava a maior parte, ou a totalidade de seus acervos digitais, em materiais teóricos e informativos. Mesmo assim, tais instituições são agentes de propagação do "Cosmopolitismo Subalterno", atuando de forma contra-hegemônica por disseminar manifestações sociais, políticas, culturais e simbólicas de grupos marginalizados.

Finalmente, a contribuição dessa pesquisa, com dados e discussões, busca disseminar o reconhecimento acerca da potência que há em ocupar espaços públicos com saberes marginalizados. Afunilando esse quadro para o que foi aqui defendido, uma vez apreendida a noção a respeito das consequências que o discurso vigente gera sobre vidas à margem, sobre vidas trans, cabe ação para resistir ao discurso normativo e desmontá-lo, debruçando-se, por exemplo, sobre a diversificação de acervos literários de bibliotecas públicas, para, assim, materializar uma práxis libertadora.

Pesquisas futuras podem ser desenvolvidas buscando investigar, através de entrevistas, o grau de influência na composição de subjetividades trans que determinadas obras, escritas por pessoas trans, têm sobre seus leitores.

Referências

ABRANB – ARTICULAÇÃO BRASILEIRA NÃO-BINÁRIE. **Articulação Brasileira Não-Binárie**. Linktree, 2026. Disponível em: https://linktr.ee/abranb.articulacao. Acesso em: 7 set. 2026.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (ANTRA). **Cartilhas**. ANTRA, 2026. Disponível em: https://antrabrasil.org/cartilhas/. Acesso em: 7 set. 2026.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (ANTRA). **Nota técnica sobre acesso à saúde de crianças trans: do modelo transpatologizante ao cuidado transespecífico**. Brasil: ANTRA, 2023. Disponível em: https://antrabrasil.org/wp-content/uploads/2023/06/nota-tecnica-criancas-trans-antra.pdf. Acesso em: 7 abr. 2025.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR (ANDIFES). **V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES** – 2018. Brasília, DF: ANDIFES, 2019. Disponível em: https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconomico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf. Acesso em: 8 jan. 2025.

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: EDUEM, 2003. p. 223-239.

CASA 1. **Biblioteca**. Casa 1, 2026. Disponível em: https://www.casaum.org/nossos-espacos/biblioteca. Acesso em: 7 set. 2026.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. **Resolução CFM nº 2.427, de 8 de abril de 2025**. Brasília, DF: CFM, 2025. Disponível em: https://sistemas.cfm.org.br/normas/visualizar/resolucoes/BR/2025/2427. Acesso em: 19 fev. 2026.

DEWEY, Melvil. **Classificação Decimal Dewey: CDD comentada**. 23. ed. Bahia: Edições UESB, 2021. Disponível em: https://www2.uesb.br/biblioteca/wp-content/uploads/2023/09/CDD-CLASSIFICATION-DECIMAL-DEWELL-23-EDI%C3%87%C3%83O-TRADUZIDA-E-COMPLETA.pdf. Acesso em: 17 fev. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IBRAT – INSTITUTO BRASILEIRO DE TRANSMASCULINIDADES. **Portal IBRAT**. IBRAT, 2026. Disponível em: https://www.ibratnacional.com/. Acesso em: 7 set. 2026.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO. **Projeto pedagógico do Curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês**. Sertãozinho: IFSP – Campus Sertãozinho, 2023. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1EUMzTiTd7H6K7Tj_8fCa3U7ywpjNowFd/view?usp=share_link. Acesso em: 8 jan. 2025.

LOUIS, Édouard. **Lutas e metamorfoses de uma mulher**. São Paulo: Todavia, 2023. E-book. Disponível em: https://br.annas-archive.org/md5/71e9ca94e2b97dd003a82dc713e2bd53. Acesso em: 10 ago. 2025.

LOUIS, Édouard. **Quem matou meu pai**. São Paulo: Todavia, 2023. E-book. Disponível em: https://pt.annas-archive.org/md5/44dddc31cd2f63615473145669e60. Acesso em: 10 ago. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC, 1992.

MOIRA, Amara. **Lista de publicações trans**. [S. l.], 2021. Documento digital em formato Google Docs. Não publicado.

MUTHA – MUSEU TRANSGÊNERO DE HISTÓRIA E ARTE. **Acervos MUTHA**. MUTHA, 2026. Disponível em: https://mutha.com.br/acervos-mutha/. Acesso em: 7 set. 2026.

NASCIMENTO, Leticia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

OBSERVATÓRIO TRANS. **Portal do Observatório Trans**. Observatório Trans, 2026. Disponível em: https://observatoriotrans.org/. Acesso em: 7 set. 2026.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano:** crônicas da travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

REDE NACIONAL DE PESSOAS TRANS. **Reflexões sobre os dados do Censo Trans: sem motivos para orgulho: diálogos e análises do contexto socioeconômico de mulheres travestis e transexuais no Brasil**. Rio de Janeiro: Rede Trans Brasil, 2017. Disponível em: https://redetransbrasil.org.br/wp-content/uploads/2022/06/REDE-TRANS_Censo-Trans-2020-pub-web.pdf. Acesso em: 7 abr. 2025.

REVISTA ESTUDOS TRANSVIADES. Portal da Revista Estudos Transviades. **Revista Estudos Transviades**, 2026. Disponível em: https://www.revistaestudostransviades.org. Acesso em: 7 set. 2026.

RODRIGUES, Vikram Pelegrini. **Obras de escritores transgêneros nos acervos de bibliotecas municipais de Sertãozinho-SP**. [S. l.], 2025. Arquivo contendo 2 planilhas (Google Sheets). Disponível em: https://docs.google.com/spreadsheets/d/12bCIFnT18nTQPshOX5S-4yc43VMUN8kUjn74l-SriWw/edit?gid=0#gid=0. Acesso em: 7 set. 2026.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 23-71.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (org.). **Educação intercultural na América Latina:** entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-42.